

Tempo de mudança: a partida como primeiro estágio da Jornada Mitológica de Mulheres Olímpicas Brasileiras

Times of change: leaving home as the first stage of the Mythological Journey of Brazilian Olympic Women

Tiempo de cambio: la partida como la primera etapa de la Jornada Mitológica de Mujeres Olímpicas Brasileñas

*Júlia Frias Amato**

*Katia Rubio***

Resumo

No Brasil, muitas crianças e jovens têm a oportunidade de conhecer diferentes modalidades esportivas. Por vezes, esse contato desperta um encanto pelo esporte, sendo a ele dada uma importância e um significado tão grandes que fazem com que eles o prefiram às atividades comuns para outras pessoas da mesma idade, como brincadeiras, convívio familiar ou escolar. Em busca de melhores condições de treinamento e desenvolvimento, esses futuros atletas, muitas vezes, têm que se distanciar de seu núcleo familiar ainda de forma precoce. Este trabalho buscou investigar como as mulheres olímpicas brasileiras, medalhistas de modalidades coletivas, reconhecem o momento que marcou o início de sua especialização esportiva, exclusivamente aquelas em cuja história consta a marca do distanciamento familiar e da saída de casa. A metodologia do trabalho se ancora nas narrativas biográficas, considerada uma modalidade de história oral. Depois de alcançarem a condição de atleta olímpica, é possível pensar que o chamado para a prática esportiva e o distanciamento precoce de seu núcleo familiar foram os primeiros passos para o que seria o início de sua jornada enquanto atleta.

Palavras-chave: *mulher; atleta; partida; mito do herói*

* Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. E-mail: julia.amato@uol.com.br

** Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. E-mail: katrubio@usp.br

Abstract

In Brazil, many children and young people have the opportunity to learn about different sports. This contact often awakens a passion for it and it is sometimes considered of great importance. It then makes them choose sport over others activities common to other people of the same age, such as playtime, family and school contact. As they search for better conditions for sport development, these new athletes often have to distance themselves from their family at an early age. This paper sought to investigate how Brazilian Olympic women, medalists of collective modalities, recognized the moment that marks the beginning of their sporting career, especially the athletes that had to leave their homes. The methodology is anchored in the biographical narratives, considered a modality of oral history. After reaching the Olympic athlete status, it is possible to think that the calling for sports practice and the premature leaving the family nest was the first step towards what would be the beginning of a journey as an athlete.

Keywords: woman; athlete; leaving home; heroine's journey

Resumen

En Brasil, muchos niños y jóvenes tienen la oportunidad de conocer diferentes modalidades deportivas. En algunos momentos, ese contacto despierta un encanto por el deporte, dando a él una importancia y un significado tan grande que hace que ellos lo prefieran a las actividades comunes para otras personas de la misma edad, como juegos, convivencia familiar o escolar. En busca de mejores condiciones de entrenamiento y desarrollo, esos futuros atletas, muchas veces tienen que distanciarse de su núcleo familiar precozmente. Este trabajo buscó investigar cómo las mujeres olímpicas brasileñas, medallistas de modalidades colectivas, reconocen el momento que marca el inicio de su especialización deportiva, exclusivamente aquellas que en su historia consta la marca del distanciamiento familiar y de la salida de casa. La metodología del trabajo se ancla en las narrativas biográficas, considerada una modalidad de historia oral. Después de alcanzar la condición de atleta olímpica, es posible pensar que el llamado para la práctica deportiva y el distanciamiento precoz de su núcleo familiar, fue el primer paso para lo que sería el inicio de su jornada como atleta.

Palabras-clave: mujer; atleta; la partida; mito del héroe

INTRODUÇÃO

Muitas crianças e jovens têm a oportunidade de conhecer diferentes modalidades esportivas, seja na escola, na rua, em clubes ou até mesmo pela televisão. Esse contato pode despertar um encanto pelo esporte, sendo a ele dada uma importância e um significado tão grandes que fazem com que eles o prefiram às atividades comuns para outras pessoas da mesma idade, como brincadeiras, convívio familiar ou escolar. Em busca de melhores condições de treinamento e desenvolvimento, esses futuros atletas, muitas vezes, têm que se distanciar muito cedo de seu núcleo familiar.

Em sua obra, Rubio (2001) compara essa busca com o mito do herói, dada a semelhança que estes atletas guardam com estas figuras míticas do que diz respeito à realização de seus feitos incomuns. O chamado do atleta para a prática esportiva se assemelha ao chamado do herói pela aventura, como sugerido por Campbell (1997) na fórmula da unidade nuclear do monomito (separação-iniciação-retorno). De acordo com Rubio (2001), o caminho que o atleta percorre para desenvolver sua identidade de herói envolve etapas comuns ao mito, como: o chamado para a prática esportiva, que, em muitos casos, significa deixar a casa dos pais e enfrentar um novo mundo; sua chegada ao clube, que representa a iniciação propriamente dita, um caminho de provas que envolvem persistência, determinação, paciência e um pouco de sorte; a coroação dessa etapa é a participação na seleção nacional, seja qual for a modalidade, um lugar reservado aos verdadeiros heróis, onde há o desfrute dessa condição; e, finalmente, o retorno, muitas vezes negado, pois devolve ao herói a sua condição mortal.

Segundo Campbell (1997) o primeiro estágio da jornada mitológica, denominado “chamado para a aventura”, implica na partida, uma convocação do destino para que o herói transfira seu centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida e, por vezes, cheia de perigos. Para mulheres atletas brasileiras, o início da carreira esportiva marcado pela partida, ou seja, pelo deslocamento físico para outra cidade ou estado, é bastante comum, principalmente para aquelas que residem fora dos grandes centros esportivos (Rubio, 2001; 2015; 2017).

O objetivo desse trabalho é analisar como mulheres olímpicas brasileiras, medalhistas de modalidades coletivas, reconhecem o momento que marcou o início de sua especialização esportiva. Será definido como marco temporal o distanciamento familiar com a saída de casa.

METODOLOGIA

Este trabalho é um excerto da pesquisa “Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros”, realizada pelo Grupo de Estudos Olímpicos da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Tal pesquisa tem como objetivo registrar a memória do esporte olímpico brasileiro por meio das narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros (Rubio, 2001; 2006; 2011; 2014a; 2014b; 2015; 2016; 2017).

As narrativas biográficas são entendidas “como discursos individuais que oferecem uma compreensão do sujeito que narra, do mundo e das próprias experiências acumuladas na trajetória da existência” (Rubio, 2014a, p.115).

O exercício das narrativas biográficas envolve:

O momento da verbalização dessa narrativa, inequivocamente solidária, ao mesmo tempo em que expõe o narrador e seus conteúdos mais íntimos, permite ao pesquisador a transcrição dessa biografia ampliando seu conteúdo para o entendimento de uma esfera maior como o grupo social de pertencimento, a modalidade praticada, os resultados obtidos naquele momento histórico e o esporte olímpico brasileiro de forma mais ampla. (Rubio, 2016, p.54)

De acordo com Bosi (2001), toda memória pessoal é também social, familiar e grupal, e por isso, ao recuperá-la, é possível captar os modos de ser do indivíduo e da sua cultura. Segundo Halbwachs (2006), não há apenas uma memória individual, mas também uma memória do grupo, que existe para além do indivíduo, uma vez que o ponto de referência para recordar e localizar essas lembranças parte dos contextos sociais que servem como base para a reconstrução da memória. Ou seja, a memória individual é

formada a partir de referências da memória coletiva dos grupos nos quais o indivíduo está inserido, sendo um ponto de vista que sempre se modifica de acordo com as relações mantidas entre o indivíduo e os diversos meios.

Para Rubio (2014a), as representações verbais da memória permitem a recriação da história do sujeito, favorecendo a elaboração de construções identitárias. As narrativas de atletas e pós-atletas¹, marcadas pelas diferenças temporais e geográficas, mantêm um laço que une os narradores, de diferentes modalidades e em momentos históricos distintos, a sua condição de ser atleta. Ainda que esta tenha sofrido profundas transformações ao longo do século XX, a unidade relacionada à busca pela excelência, ao caráter competitivo e à submissão a um sistema, marcado pela hierarquização e pela força das instituições que viabilizam sua vida, se mantém.

No processo de organização da narrativa dos atletas e pós-atletas, surgem as lembranças de personagens, como pessoas próximas, familiares ou profissionais, que tiveram influência no seu desejo pelo esporte ou na busca de melhores condições de vida e de treinamento. A convivência com outros atletas, cujas carreiras se cruzaram em determinado momento, indica a necessidade de contextualizar essas situações para compreender os episódios marcantes de suas vidas e resultados. Em modalidades coletivas, isso se torna mais evidente pelo fato de muitas vezes os atletas e pós-atletas narrarem suas memórias sobre um mesmo evento, apontando para a subjetividade que envolve a construção e elaboração desse conteúdo, ainda que vivido coletivamente (Rubio, 2014a).

Nesse sentido, cada pessoa carrega uma verdade sobre uma situação ocorrida e, “mais do que verdades universais, o trato com as narrativas sugere verdades parciais, individuais ou mesmo momentâneas, afirmadas na intensidade das memórias que emergem sobre o tema em questão” (Rubio, 2014a, p.109). Ou seja, a construção da narrativa considera os dados relevantes da trajetória do narrador, dando uma ideia do que foi sua vida e do que ele é nesse momento.

1 Termo usado por Rubio (2014a) para se referir aos atletas que viveram a transição de carreira, deixando de ser atletas competitivos de nível olímpico e desempenham, no presente, novos papéis sociais. A autora entende que o atleta não perde o vínculo com o seu passado, e por isso não é possível ser designado como um ex-atleta.

Mito do Herói – a partida

De acordo com Rubio (2001), nenhum outro mito foi tão cultuado e se mantém por tanto tempo no imaginário como o do herói. Etimologicamente, o Herói seria “o guardião, o defensor, o que nasceu para servir”; ele possui uma condição sobre-humana, mas não divina. Porém, muitos são os heróis que têm uma origem eminentemente humana e, desta forma, o que o define como um herói são suas ações (Rank, 2015). Ele vem ao mundo com duas “virtudes” inerentes à sua condição e natureza: a *timé*, a “honorabilidade pessoal”, e a *areté*, a “excelência”, a superioridade em relação aos outros mortais (Eliade, 1992; Brandão, 2005).

Em sua obra *O Herói de Mil Faces*, Campbell (1997) discute sobre a jornada do herói e a divide em três estágios: a partida, a iniciação e o retorno. Segundo o autor, o herói faz parte de um monomito e percorre sempre um caminho em espiral, retornando, transformando e agitando seu mundo. A saga do monomito implica no chamado para o mundo de aventuras que envolvem, quase sempre, o enfrentamento de um mundo desconhecido e, por vezes, cheio de perigos. Além disso, observa-se a perda de referências do horizonte familiar e a renovação de velhos conceitos, ideias e padrões emocionais que já não são adequados. Esse momento é marcado pela passagem por um limiar e a partir disso, o herói parte para uma aventura em uma região de prodígios sobrenaturais, encontrando forças fabulosas e obtendo a vitória decisiva. Assim, o herói pode retornar de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes, compartilhando seu conhecimento.

Segundo Campbell (1990), as provações da jornada heróica são parte significativa da vida e não há recompensa sem renúncia. Os mitos lidam com a transformação da consciência, seja pelas próprias provações ou por revelações iluminadas. A jornada do herói se inicia com “o chamado”. Este retrata o herói à beira de uma grande mudança, por se sentir compelido por algo para seguir em frente, já que sua vida parece incompleta.

De acordo com Rubio (2001):

O chamado é sempre o descerrar de cortinas de um mistério de transfiguração. Pequeno ou grande, independentemente do estágio ou grau da vida, esse instante equivale a um momento de passagem que quando completo, representa uma morte seguida de nascimento. Daí a inferência de uma “naturalidade” do processo, ou seja, na ausência da necessidade do esforço para desencadear uma aventura, que lembrada depois de ocorrida foi bem-sucedida, a justificativa dada se encontra na falta de intenção para a promoção da ação. (p.173)

Brandão (2005) acrescenta que o herói, apesar de ter nascido com uma *timé* e uma *areté* especiais, terá que se preparar para a execução de suas magnas tarefas. Ainda segundo o autor, é precisamente a esse preparo que se dá o nome de educação do herói. De acordo com Alvarenga (1999), para o herói se desenvolver, muitas vezes ele é levado para ser criado por um mentor, que o preparará nas artes de conviver consigo mesmo e com seu mundo, e, quando estiver preparado, retornará para o exercício de funções que somente ele saberá executar.

Rubio (2001) afirma que:

Uma das principais características do herói é a capacidade de enfrentamento do perigo e do desconhecido, do destemor ao combate e da busca incessante dos objetivos propostos. [...] Vale lembrar que a vida de um atleta é marcada muito mais pelo trabalho do que pelo deleite. Ou seja, se por um lado sua condição de atleta diferenciou-o de uma grande parcela da população, permitindo que gozasse de privilégios reservados a poucos, por outro essa mesma condição o fez amargar isolamento e distanciamento de situações vividas por semelhantes. E essa é uma das condições vividas pelo herói arquetípico. (p.107)

Nesse sentido, Lima (2012) se refere a esta situação de enfrentamento como algo singular e marcante na vida de muitos seres humanos. Seja qual for o desafio apresentado, este atuará como uma força mobilizadora, ativando a emergência do herói, promovendo o inimaginável. O herói, quando desperto, traz consigo uma força tão poderosa e espetacular, que não há como não se deslumbrar com sua presença. Ao fazer o paralelo entre o herói e o atleta contemporâneo, o autor aponta que, na pessoa do

atleta, o herói emerge ao erguer seu corpo acima da rede, desafiar a força da gravidade, sacar, bloquear, defender, promover as cortadas de bola, marcar o ponto da virada do set, enfim, superar o que parecia insuperável.

As mulheres olímpicas e o esporte

Rubio (2017) afirma que o esporte no Brasil se apresenta como um fenômeno causador de deslocamentos e processos migratórios. A autora sugere que estes deslocamentos, quando pensados a partir dos atletas olímpicos, ganham contornos específicos, relacionados a sua ocorrência precoce e à intensidade, principalmente a partir do processo de profissionalização, iniciado na década de 1980 (Rubio, 2015; 2017; Nunes, 2011; Pisani, 2012).

Com isso, como um trabalhador em busca de disponibilizar sua mão de obra qualificada no mercado, o atleta vive intensamente, desde muito cedo, o processo de migração, atrás de melhores oportunidades para desenvolver suas habilidades e fazer desta sua profissão. Muitas vezes, este deslocamento envolve experiências de perdas de ordem familiar, social, cultural e emocional, mas também a obtenção de novos valores que reorganizam sua subjetividade (Rubio, 2017).

De acordo com Rubio (2017), os atletas brasileiros de estados carentes de políticas para o desenvolvimento esportivo, são levados a locais específicos em busca de condições de treino para a prática esportiva especializada, principalmente nas regiões sul e sudeste. Devido às diferenças regionais, este deslocamento, provocado pela necessidade de melhores condições materiais para o desenvolvimento de sua carreira, desencadeia um processo de adaptação, socialização e aculturação dentro de diferentes padrões, nem sempre de fácil assimilação.

A participação de mulheres no cenário esportivo mundial se deu de forma lenta durante todo o século XX. Um ponto importante referente a essa questão é a resistência por parte do idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o Barão Pierre de Coubertin, à ideia da participação feminina nas competições olímpicas, devido a sua visão vitoriana de papéis sociais.

No Brasil, a inserção nesse meio também ocorreu progressivamente, principalmente por haver leis que impediam a participação de mulheres em práticas esportivas na década de 1960.

De acordo com Goellner (2005), a partir da segunda metade do século XX, modalidades como voleibol, basquetebol, natação, tênis e atletismo tornam-se cada vez mais praticadas, possibilitando um avanço significativo da participação das mulheres em competições nacionais e internacionais. As modalidades coletivas começavam a ter destaque em campeonatos sul-americanos, pan-americanos e mundiais, principalmente pelo processo de profissionalização do esporte, que ocorreu a partir da década de 1980. A evolução da participação da mulher no esporte se deu acompanhando a emancipação feminina na sociedade, bem como pelos esforços das protagonistas do esporte.

Nesse período, a transformação dos papéis sociais femininos, que já estava em curso, se acentuou no Brasil, com reflexo na participação da mulher no esporte, devido à aceitação social da mulher atleta por conta de suas conquistas. Nesse sentido, o caminho percorrido rumo à diminuição da discriminação e ao reconhecimento da mulher como atleta fica evidente quando se sabe que, há poucas décadas, modalidades como futebol, polo, halterofilismo e todas as lutas eram proibidas para as mulheres (Mesquita & Nascimento, 2011).

O início da participação feminina no esporte brasileiro se deu a partir de esforços individuais, mais do que coletivos, permanecendo dessa forma por várias décadas. Além disso, a superação dos desafios postos em relação ao acesso ao esporte continua sendo resultado da conquista das mulheres brasileiras pelo seu próprio espaço, provando que elas são capazes de obterem resultados expressivos, como, por exemplo, a conquista de 137 medalhas² em seis edições dos Jogos Olímpicos.

O fato de as mulheres alcançarem habilidades corporais que rompem com o estereótipo estético feminino e se aproximarem das práticas corporais associadas ao empoderamento da masculinidade trouxe uma maior

2 A contagem dessas medalhas é feita por atleta, e não por modalidade; ou seja, é a partir de todas as atletas que as ganharam, e não como é feito pelo quadro de medalhas tradicional, onde se contabiliza apenas uma medalha nos esportes coletivos.

liberdade de escolha de modalidades desportivas. As mulheres brasileiras tornaram possível o esporte por meio de suas conquistas e legitimaram sua presença na vida de meninas e mulheres (Rubio et al., 2016).

O fato de haver um intervalo de 64 anos entre a primeira participação olímpica feminina, em Los Angeles no ano de 1932, e a conquista da primeira medalha, em Atlanta (1996) não é mera casualidade, mas, sim, resultado de um processo que envolve ideologia, políticas públicas e representações sociais. Com o decorrer das gerações de mulheres atletas, observa-se que, pouco a pouco, o espaço no campo competitivo foi sendo conquistado, sem que isso representasse apoio institucional concreto ou políticas públicas de desenvolvimento de talento (Araújo, 2011; Mathias, 2011; Rubio, 2011).

A partida das olímpicas e o distanciamento de casa

A partir dos primeiros contatos com o esporte, foi despertado nestas atletas algo que lhes impulsionou para uma mudança significativa em sua história de vida. Conforme apontado por Rubio (2017), o esporte no Brasil se apresenta como um fenômeno causador de deslocamentos e processos migratórios, com uma ocorrência precoce e intensa.

Nas narrativas biográficas dessas atletas consta a marca do distanciamento de seu núcleo familiar em busca de acesso à infraestrutura e material humano qualificado para sua formação esportiva³.

Eu era de Minas, interior, de uma cidadezinha muito pequena. Não tinha investimento em esporte, não tinha possibilidade de uma menina poder construir uma história esportiva no local que eu morava. (C.M.P. – atleta de basquetebol – Depoimento pessoal)

Até aí acho que a minha maior dificuldade tinha sido a minha mãe, né!? Porque eu fiz vôlei, eu fiz basquete, eu fiz handebol num clube que tinha perto de casa, mas nenhum me chamou tanto a atenção como o futebol. [...] Até que

3 Os trechos a seguir fazem parte das entrevistas concedidas pelas atletas ao Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiros do Grupo de Estudos Olímpicos da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

um dia minha mãe achou que não ia ter como me proibir, colocar regras e ela falou, perguntou se era isso o que eu queria e eu falei que era, então ela me levou pra fazer um teste. (J.R.C. – atleta de futebol – Depoimento pessoal)

Em suas narrativas, elas contam sobre sua proximidade com atividades que são, muitas vezes, associadas a meninos, como brincadeiras de rua ou com bola, e, principalmente, se percebem diferentes de outros pelo seu porte físico e habilidades incomuns.

Eu vendo também que era uma pessoa que tinha um porte físico privilegiado e eu estava ali, eu adorava esporte e não tinha como praticar, então, até que um dia eu falei pra minha mãe: “Mãe, eu quero ser atleta. Como que eu posso fazer? Eu vou ter que sair”. (C.M.P. – atleta de basquetebol – Depoimento pessoal)

É somente a partir do distanciamento que se tem a compreensão de que aquele momento representará uma ruptura na trajetória de vida. Quando jovens, no entanto, sem saber aonde esta oportunidade poderia levar, estas atletas se sentiram impulsionadas à uma atitude pouco provável para alguém em sua idade: sair de casa. A harmonia entre a vontade de ser atleta e a possibilidade de alcançar essa condição em outro lugar surge, muitas vezes, a partir de uma oportunidade. Esta envolve um conjunto de fatores, levando a jovem atleta a um momento crítico, em que ela terá que fazer uma escolha, podendo ter uma mudança de vida significativa.

Essa mudança, muitas vezes acompanhada de incertezas e dúvidas, carrega também o peso da saudade e da melancolia que a distância e a solidão podem provocar. Paradoxalmente, no entanto, as atletas se referem à certeza da realização, o necessário desenvolvimento de pertencimento, também confundido com realização, visto que o equilíbrio necessário para o enfrentamento dos grandes desafios da carreira só será alcançado com a maturidade, resultante da elaboração dos desafios iniciais, como a adaptação a uma nova moradia.

Então com 13 anos minha mãe me deixou lá, numa república. Que eu morava dentro do clube, de tanto que eu queria ficar. [...] Eu queria realmente jogar

basquetebol, era o que eu queria. E foi triste porque todo dia eu pegava o telefone e ligava pra minha mãe. E aí foi quando eu comecei realmente minha carreira. (J.S.A. – atleta de basquetebol – Depoimento pessoal)

Há pessoas que aparecem na vida das atletas e notam algo de especial nelas, alguma habilidade física que as destacam da maioria. Estas pessoas podem ser professores dedicados, um parente próximo, que não necessariamente os pais, ou amigos próximos e mais velhos. No entanto, há atletas que não tiveram esse suporte e foram levadas a seguir uma determinação pessoal ou intuição. Diante da precocidade em que isso acontece, essas atletas precisam quebrar as barreiras que nomeiam essa determinação como “coisa de criança”.

Aí quando eu recebi uma proposta bem melhor aí eu tive que ir. [...] Aí eu peguei e cansei. Falei “Mãe, eu estou indo embora”. Daí ela não gostou muito da ideia. Aí eu peguei e fugi. Com 15 anos. Aí fui pro Rio. Foi uma coisa assim que, na verdade eu queria para mim, né? Não tinha como fugir daquilo. Aquilo já estava, assim, no sangue. Tinha que acontecer. (R.B. – atleta do futebol – Depoimento pessoal)

Mas desde o momento em que eu peguei na bola de vôlei assim, eu sabia que era o esporte que eu iria praticar.

Desde quando eu saí de casa e eu queria mostrar para o meu pai que eu ia dar certo. E aí eu comecei a minha saga. (L.G.B. – atleta do voleibol – Depoimento pessoal)

Mas de saber mesmo assim: “É isso que eu quero pra minha vida”, eu acho que foi o momento que eu saí de casa mesmo, e eu vi o tanto que assim, que eu estava sacrificando de ficar longe da minha família. (N.Z.P. – atleta do voleibol – Depoimento pessoal)

Depois de alcançarem a condição de atleta olímpica, é possível pensar que o chamado para a prática esportiva e o distanciamento precoce de seu núcleo familiar foram os primeiros passos para o que seria o início de sua jornada enquanto atleta. Porém, as narrativas apontam que este momento é a ruptura que marca um novo ciclo dentro de um processo iniciado anteriormente pelo desejo de ser atletas. Nesse sentido, podemos relacionar esse

momento com a partida do herói e sua passagem por um limiar, adentrando um mundo desconhecido, onde terá que passar por diversas provações até poder retornar de sua aventura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partida das atletas, vivenciada pela saída de casa, vista depois da realização de uma carreira olímpica, parece um momento mágico, quase fantástico, pois, olhando em retrospectiva, toda a trajetória futura é construída a partir daquele momento. Porém, é preciso se considerar que, antes da partida, há por parte dessa menina toda a construção de um desejo de vir a ser, que se deve à experiência na escola, às influências da família, ao impulso de amigos próximos, à fantasia de ver outras atletas jogarem. Embora isso aconteça na infância, quando tudo na vida da criança parece ficção, o desejo que vem daí brota com a força necessária que a menina precisa ter para poder dizer adeus à família.

É importante ressaltar que esse movimento foi na contramão de uma forma de educação que reservava às meninas práticas menos exigentes e competitivas do que o esporte, o que demandou de todas elas o duplo esforço de vencer as barreiras e preconceitos da própria família e da sociedade. Partir significou romper.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, M. Z. (1999). O herói e a emergência da consciência psíquica. *Junguiana*, 17, 47-56.
- Araújo, S. E. C. (2011). As mulheres e o esporte olímpico brasileiro entre as décadas de 1930 a 1960 – as políticas públicas do esporte e da educação física. In Rubio, K. (org.) *As mulheres e o esporte olímpico brasileiro* (pp. 119-146). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bosi, E. (2001). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brandão, J. D. S. (2005). *Mitologia Grega*. vol. 3. Ed. Petrópolis: Vozes.
- Campbell, J. (1990). *O poder do mito*. São Paulo: Associação Palas Athena.

- Campbell, J. (1997). *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Pensamento-Cultrix.
- Eliade, M. (1992). *O Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo.
- Goellner, S. V. (2005). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, 8, 85-100.
- Halbwachs, M. (2006) *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Lima, D. A. D. S. (2012). *Técnico-Mestre e Atleta-Herói: uma leitura simbólica dos mitos de Quíron e do Herói entre técnicos de voleibol* (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mathias, M. B. (2011) As mulheres e as práticas corporais em clubes da cidade de São Paulo no início do século XX. In Rubio, K. (org.) *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro* (pp. 103-118). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mesquita, A., & Nascimento, E. D. (2011). A participação da mulher brasileira no esporte a partir dos anos 1980: O que de fato mudou. In Rubio, K. (org.) *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro* (pp. 167-182). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nunes, A. V. (2011). *A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em jogos olímpicos e campeonatos mundiais*. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pisani, M. D. S. (2012) *Poderosas do Foz: trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol*. (Dissertação Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Rank, O. (2015). *The myth of the birth of the hero: A psychological exploration of myth*. Baltimore: JHU Press.
- Rubio, K. (2001). *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2006). *Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2011). A cordialidade feminina no esporte brasileiro. In Rubio, K. (org.) *As Mulheres e o esporte olímpico brasileiro* (pp. 85-102). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rubio, K. (2014a). Memórias e narrativas biográficas de atletas olímpicos brasileiros. In Rubio, K. (org.) *Preservação da memória: a responsabilidade social dos jogos olímpicos* (pp.105-122). São Paulo: Képos.

- Rubio, K. (2014b). A experiência da pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. *Acervo*, 27(2), 93-105.
- Rubio, K. (2015). *Atletas olímpicos brasileiros*. São Paulo: Editora SESI-Serviço Social da Indústria.
- Rubio, K. (2016). Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Letho. In Rubio, K. (org.) *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços, 39-56.
- Rubio, K., Goellner, S. V., Mourão, L., & Altmann, H. (2016). Women and sport in Brazil. In D’Amico, R.L., Benn, T. & Pfister, G. (Ed) *Women and Sport in Latin America*. Abingdon: Routledge.
- Rubio, K. (2017). Processos migratórios e deslocamentos: caminhos que levaram atletas de modalidades coletivas aos jogos olímpicos de Barcelona em 1992. *Olimpianos-Journal of Olympic Studies*, 1(1), 53-67.

Entrevistas

- C.M.P.. Entrevista ao Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiro, em 13/12/2013.
- J.R.C.. Entrevista ao Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiro, 17/06/2011.
- J.S.A.. Entrevista ao Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiro, em (s/d).
- L.G.B.. Entrevista ao Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiro, em 01/08/2013.
- N.Z.P.. Entrevista ao Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiro, em 17/03/2014.
- R.B.. Entrevista ao Projeto Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos Brasileiro, em 25/11/2010.

Recebido em 15/06/2018

Aceito em 13/08/2019